

“100em1Dia Cuiabá”: Micropolíticas urbanas, mobilização social e ações para a cidadania¹

*Heidy Bello Medina*²

*Maria Thereza de Oliveira Azevedo*³

*Yuji Gushiken*⁴

RESUMO

O artigo produz uma reflexão sobre o evento “100em1Dia Cuiabá”, em especial as dinâmicas comunicacionais das intervenções urbanas e das interações sociais desenvolvidas no desenvolvimento e na realização do festival voltado para a cidadania. Argumenta-se que a questão comunicacional, em sua dimensão de micropolíticas urbanas, possibilita a participação cidadã que potencializa a vida para subverter o planejamento urbanístico capitalista. Nesse sentido, as ações propostas por voluntários permitem pensar a relação entre folkcomunicação, ativismo político e cultura, ao mesmo tempo em que o trabalho coletivo se institui na memória dos indivíduos como força viva das revoluções moleculares para transformar as problemáticas cidades brasileiras. O ‘100em1DiaCuiabá’, ao colocar a cidade numa rede mundial de debates sobre cidadania, demanda considerar as dinâmicas da comunicação no bojo das práticas culturais na vida contemporânea em sua relação direta com as práticas políticas e a busca pela produção de uma vida mais subjetiva.

PALAVRAS-CHAVES

Folkcomunicação; poéticas contemporâneas; 100em1DiaCuiabá; micropolíticas urbana; criatividade coletiva.

¹ Trabalho apresentado no GT 4 (Folkcomunicação e Desenvolvimento Local) da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, realizada de 02 a 05 de maio de 2017 na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFPRE) e na Faculdade Integrada de Pernambuco (Facipe), em Recife, Pernambuco, Brasil. Pesquisa desenvolvida com bolsa Capes-MEC. Trabalho desenvolvido no âmbito do Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: Intersecções, Contaminações, Transversalidades (UFMT/Cuiabá).

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: heidy.bello@gmail.com.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: maritheaz@gmail.com.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: yug@uol.com.br

"100em1Dia Cuiabá": Urban micropolicies, social mobilization and actions for citizenship

ABSTRACT

The article produces a reflection on the '100in1Day Cuiabá' event, especially the communication dynamics of urban interventions and social interactions developed in the realization of the festival focused on citizenship. It is argued that the communicational issue, in its urban micropolitical dimension, allows citizen participation that potentiates life to subvert urban planning in the capitalist interest. In this sense, the actions proposed by volunteers allow us to think about the relationship between folkcommunication, political activism and culture, at the same time as collective work is instituted in the memory of individuals as a living force of molecular revolutions to transform the problematic Brazilian cities. By placing the city in a worldwide network of debates on citizenship, the '100em1DiaCuiabá' demands to consider the dynamics of communication in the context of cultural practices in contemporary life in its direct relationship with political practices and the search for a more subjective life.

KEY-WORDS

Folkcommunication; contemporary poetics; 100em1DiaCuiabá; urban micropolitics; collective creativity.

Introdução

A relação entre comunicação e cidadania apresenta-se como uma interface potente na agenda política e cultural neste início de século XXI, na medida em que os usos da tecnologia midiática e os encontros presenciais possibilitam reinventar o exercício de práticas cidadãs e evidenciam os modos como os indivíduos interagem com distintas questões sociais. De modo generalizado, a expansão das práticas midiáticas e a proliferação das redes sociais potencializaram os processos de produção, circulação e consumo de informações a partir da década de 1990, momento histórico em que se registraram a digitalização das tecnologias midiáticas.

Neste momento tecnológico, de intensas transformações midiáticas, indivíduos e grupos sociais desenvolvem distintas estratégias comunicacionais para publicizar interesses gerais e específicos, e assim potencializar forças criativas geradoras do que o psicanalista e filósofo Félix Guattari designou de "revoluções moleculares" (GUATTARI, 1981)

No mundo contemporâneo, as intervenções urbanas têm se atualizado como práticas artísticas que favorecem as pessoas envolvidas e por elas afetadas a pensar em diferentes possibilidades de participar nos assuntos da cidade, produzindo nexos entre arte, vida e direito ao espaço urbano. O termo “intervenções urbanas” tem o propósito de não restringir as ações a uma categoria estanque e restrita a pessoas com habilidades excepcionais próprias ao mundo das artes. A noção de intervenção urbana considera, de modo amplo, duas variáveis: a participação de pessoas não necessariamente vinculadas aos círculos especializados das artes e o alcance das ações propostas por voluntários no Festival da Cidadania “100em1DiaCuiabá”.

Neste artigo, busca-se refletir sobre intervenções urbanas na perspectiva teórica da folkcomunicação, desenvolvida no âmbito acadêmico brasileiro, para pensar as dinâmicas comunicacionais constituintes da organização e realização do Festival da Cidadania “100em1Dia Cuiabá” e as ações intervencionistas em sua condição simbólica de micropolíticas urbanas.

Este trabalho é um desdobramento da dissertação de mestrado com o título “100em1Dia Cuiabá: Micropolíticas urbanas na relação Colômbia e Brasil”, orientada pela Prof. Dra. Maria Thereza Azevedo, e defendida em fevereiro de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso (PPG ECCO-FCA-UFMT). Desenvolvido na Linha de Pesquisa em Poéticas Contemporâneas, o trabalho visou considerar os distintos modos de fazer artísticos e culturais que constituem as práticas sociais dos voluntários envolvidos nas resoluções do projeto “100em1DiaCuiabá” para “pensar a cidade”.

Ao mesmo tempo, num procedimento interdisciplinar, buscou considerar as dinâmicas comunicacionais que atravessam os diferentes modos de fazer artísticos e culturais presentes nas ações políticas em busca de melhorias para uma cidade com os mais variados problemas como Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, no Centro-Oeste brasileiro, tomada aqui como protótipo da cidade brasileira e latinoamericana.

A cidade marginalizada ou os marginalizados na cidade: revisar o que foi a experiência do “100em1DiaCuiabá” na perspectiva comunicacional, em especial na folkcomunicacional, sugere um procedimento de ordem teórica: considerar as questões próprias da contemporaneidade a partir das singularidades que atravessam a existência da vida social nos

ermos sertões brasileiros, contemporaneamente conectados com o mundo e ao mesmo tempo atravessado por suas singularidades que evidenciam uma modernização que arduamente se instala.

Os sertões como lugar da marginalização geográfica, o Oeste brasileiro como o imaginário do esquecimento, a cidade de origem garimpeira como o lugar da violência. Estes são motivos para se aproximar a experiência das micropolíticas urbanas e as ações para a cidadania da abordagem teórica da “comunicação dos marginalizados”, do pesquisador brasileiro Luiz Beltrão.

Uma cidade como Cuiabá, localizada a meio caminho entre o Oceano Atlântico e o Oceano Pacífico, nos entremeios do cerrado, do Pantanal Mato-Grossense e da Floresta Amazônica, torna-se simultaneamente espaço de circulação de informações globais e ao mesmo tempo engendra-se como lugar do distanciamento na rede urbana brasileira.

O festival, a cidade, o encontro

O Festival da Cidadania “100em1Dia” foi pensado e criado em Bogotá, capital da Colômbia, em 2012, a partir de uma ideia gerada em conjunto entre o grupo Acciones Urbanas, de Bogotá, e o grupo Cuidadanía Activada, da Dinamarca, visando a transformar a capital da Colômbia num espaço mais favorável à habitação, gerar melhores condições de vida à população local e repensar a cultura cidadã da metrópole colombiana.

Parte-se de uma experiência de intervenção urbana que tem servido como motor da ideia para um festival de cidadania: num certo dia em Bogotá, o grupo Acciones Urbanas entregou bilhetes com mensagens positivas nas ruas da cidade e percebeu o impacto causado por esta simples ação nas pessoas que receberam os bilhetes. Os jovens do grupo pensaram num projeto maior que produzisse maior impacto. A proposta foi a organização de cem ou mais ações urbanas positivas realizadas durante um dia, através das quais os indivíduos pudessem expressassem seu afeto pela cidade.

Os jovens que integravam os inúmeros grupos trabalharam unidos à procura de ferramentas de mediação e comunicação que mobilizassem os residentes de Bogotá a realizar cem ações de cidadania durante 24 horas. As intervenções e interações foram possíveis a partir de um processo de reflexão sobre os principais problemas de Bogotá, como a

mobilidade urbana, a saúde pública, a intolerância, a insegurança, a corrupção, entre outros. No entanto, o projeto buscou considerar também os potenciais da urbe bogotana.

Na primeira edição do 100em1dia Bogotá, no dia 26 de maio de 2012, houve 250 ações cidadãs. Após o sucesso obtido nessa primeira jornada, o modelo foi aplicado em Pasto, uma cidade de aproximadamente 400 mil habitantes, localizada no sul da Colômbia. Em seguida, São José, na Costa Rica, seria a primeira cidade fora da Colômbia com grupos de pessoas a identificar-se com a ideia e a participar da iniciativa.

Graças ao fato de as pessoas terem acreditado na possibilidade de mudar sua cidade e se oferecer como voluntários na construção desse lugar desejado, formou-se o movimento cidadão 100em1Dia, uma plataforma aberta de criação colaborativa que envolveu 30 cidades de quatro continentes do mundo, entre as quais se encontram três cidades brasileiras: Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), Blumenau (Santa Catarina) e Cuiabá (Mato Grosso).

Em 2105, Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso, localizada no Centro-Oeste do Brasil e na parte mais central da América do Sul (Centro Geodésico), entrou na rede 100em1Dia. A cidade, próxima de completar 300 anos, conta com uma população estimada de 585.367 habitantes, de acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2016.

Cuiabá forma uma conurbação com o vizinho município de Várzea Grande, cuja população estimada é de 271.339 pessoas (IBGE, 2016). As duas cidades constituem a Grande Cuiabá, núcleo da Região Metropolitana do Vale do Rio Cuiabá (RMVRC), criada pela Lei Complementar Estadual nº 359/09. São parte também da RMVRC os municípios de Santo Antônio de Leverger e de Nossa Senhora do Livramento. A RMVR constitui a terceira aglomeração populacional do Centro-Oeste brasileiro, depois de Brasília (Distrito Federal) e Goiânia (Goiás).

O festival da cidadania da capital mato-grossense foi abrigado pelo projeto Cidade Possível, aprovado em 2014 pela Capes, ao qual está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPG ECCO-UFMT) e ao Grupo de Pesquisa Artes Híbridas: Intersecções, Contaminações, Transversalidades.

Cidade Possível, projeto interdisciplinar, emergiu motivado pela urgência de pensar e agir na cidade, tendo em conta que a vida vem se mostrando inviável, e a proposta do evento

sugere a criação de territórios existenciais possíveis, segundo Maria Thereza Azevedo, coordenadora do projeto.

FIGURA 1: CARTAZ DE BOAS VINDAS A CUIABÁ NA REDE 100EM1DIA



Fonte: 100in1day (2015).

Durante o Festival da Cidadania “100em1Dia Cuiabá”, realizado no dia 03 de abril de 2016, um domingo de céu azul e Sol forte, aconteceram 101 ações de diversas vertentes artísticas que se espalharam pela cidade durante 24 horas e permitiram colocar a capital mato-grossense num amplo circuito de comunicação ao redor do mundo, facilitando um diálogo comunitário-planetário para refletir sobre a cidade e construir narrativas próprias em torno da participação cidadã.

Folkcomunicação: Intercâmbio de informações e potência da vida

Gushiken (2007) refere-se ao devir epistemológico que pressupõe nos estudos da comunicação a expressão “usos dos meios”, por considerar que a reflexão proporcionava, desde os estudos da comunicação como ciência do comportamento, um interesse por estudar o que os meios faziam com as pessoas. Contudo, tornava-se emergente, no âmbito do pensamento latino-americano em Comunicação, pensar nas possibilidades da utilização dos

meios para falar sobre assuntos que atravessam as pessoas na cotidianidade permite pensar em outra abordagem: a comunicação como cultura.

A folkcomunicação, proposta pelo jornalista brasileiro Luiz Beltrão (1980) considera pensar os diferentes procedimentos de intercâmbio de informações, atitudes, ideias e opiniões dos marginalizados urbanos ou rurais, a partir de meios vinculados direta ou indiretamente ao folclore.

Assim, a folkcomunicação pensa não somente na informação jornalística, mas em outras funções que correspondem à comunicação, como a educativa, a promocional e a possibilidade de entretenimento, enquanto se reflete sobre o viver, o querer e o sonhar das massas populares, quem de uma ou outra maneira foram excluídos pelo processo civilizador.

Peter Pál Pelbart (2002) manifestou desde há algum tempo seu interesse no que acontecia nas cidades brasileiras e do mundo no contexto capitalístico onde se gerava a expropriação e revenda dos modos de vida, e que nessa situação os marginalizados usavam a própria vida como vetor de autovalorização.

Assim, é preciso refletir também se o termo exclusão se refere a pequenos grupos ou se realmente somos todos marginalizados, excluídos de ser, de sentir, de pertencer. No contexto da cidade contemporânea, a vida se converte no único capital nessa situação de exclusão.

Colocar as intervenções/interações do 100em1DiaCuiabá no marco da folkcomunicação visa pensar nas afetações dos seres e das alterações sobre a realidade social produto das mudanças da cidade, mas também em como a partir das narrativas ligadas às memórias e ao cotidiano. Gushiken (2011) indica:

O que a folkcomunicação sugere, em sua singularidade teórica, é atribuir protagonismo à outra margem social, com suas histórias ordinárias do mais banal cotidiano, o que inclui as pessoas comuns, aquelas que não necessariamente fazem parte da elite que produz a margem mais dinâmica e suntuosa da vida moderna.

Beltrão (1980) reconheceu três grandes grupos de audiência da folkcomunicação: 1) os grupos rurais marginalizados, os quais ele caracteriza pela sua condição econômica, intelectual e geográfica adversa; 2) os grupos urbanos marginalizados, como indivíduos localizados na parte inferior da sociedade, classes, entre outros e 3) os grupos culturalmente marginalizados, que dissentem dos padrões da estrutura social em vigência.

Considerando-se os grupos culturalmente marginalizados, o terceiro grupo referenciado por Beltrão favorece estabelecer um diálogo com Pelbart, no que diz respeito à exclusão de uma cultura cidadã ativa que impede a conservação da paisagem urbana, e nestas condições de tensão social torna-se viável relacionar estas questões comunicacionais e políticas com as culturas populares numa cidade brasileira como Cuiabá, com seus inúmeros problemas.

Deste modo, os indivíduos participantes do “100em1diaCuiabá” entraram no projeto de modo voluntário para intervir nas dinâmicas espaço-temporais que privam os sujeitos da criação da própria cidade.

Processos de subjetivação na cidade

Na época atual se procuram cada vez mais fios para segurar a vida. O Capitalismo Mundial Integrado (CMI) produz constantemente um sentimento de não ser e não estar, como têm manifestado vários autores (GUATTARI, ROLNIK; PELBÁRT).

Assim, para se pensar o espaço como produtor de subjetividades seria preciso analisar a maneira como as formas produzem esses sujeitos, como diz Guizzo (2008), levando em consideração a construção de ambientes cada vez mais cinzas, não apenas pela referência à cor, mas ao sentido dos espaços, aos padrões nos quais a vida tenta ser domesticada. Como diz Ricardo Lísias, no prólogo do livro “Cidade de Quartzo”: “nós abrigados pelo concreto, também não temos acesso à menor urbanidade”.⁵

De tal modo, os indivíduos envolvidos no “100em1dia Cuiabá” foram, a partir do processo de reflexão/ação, conscientes da vida vista em pequenas dimensões, deram valor aos desejos, afetos e inovações que geram grandes transformações nas cidades, onde os processos de significação do espaço público e do poder cidadão foram redefinidos para dar lugar ao poder individual e coletivo caracterizado como micropolíticas urbanas.

Micropolítica, segundo Guattari (GUATTARI; ROLNIK, 1996), refere-se aos “efeitos de subjetivação”, conjunto de fenômenos e práticas capazes de ativar estados e alterar conceitos, percepções e afetos (modos de pensar-sentir-querer). Ele pondera as micropolíticas não como um poder partidário, mas, como aquele capaz de acumular uma quantidade de objetivos ao alcance dos grupos sociais diversos. Conforme Guattari (1977, p. 177), “o que se

⁵ DAVIS, Mike. Cidade de quartzo: escavando o futuro em Los Angeles. Boitempo Editorial, 2015.

torna essencial é conectar uma multiplicidade de desejos moleculares, conexão esta que pode desembocar em efeitos de ‘bola de neve’, em probas de força em grande escala”.

Deste modo, as ações estudadas não provêm do institucional (molar), mas das revoluções moleculares. A emergência de movimentos como o 100em1Dia permite às pessoas se organizar coletivamente ao longo do processo de concepção e realização das intervenções/interações como ferramentas de mudança, do meio urbano e das pessoas envolvidas, por meio da experiência. Concebe-se aqui a denominação intervenções/interações urbana na relação entre arte e vida comunitária na cidade, arte inventada por qualquer um.

A formação de iniciativas cidadãs para pensar e praticar novos modos de estar na cidade se espalham pelo mundo. As subjetividades arrancadas do solo, que têm o dom da ubiquidade, como diz Rolnik, vão ao encontro dessas ondas. São contaminadas e contaminam. Tomamos o termo “contaminação” como sinônimo de *afecção*, correspondendo àquilo que Deleuze tinha denominado o “ar do tempo”. As máquinas desejantes estão em sintonia sem que sua localização seja um endereço, mas que evidencia uma necessidade: viver.

Logo, refletir sobre as micropolíticas urbanas, desde a criação do espaço urbano como lugar dos cidadãos, conduz a contemplar as diversas instâncias da economia do desejo nas quais se produzem atravessamentos na relação entre os sujeitos que resultam em revoluções moleculares para fazer valer a vida.

A ideia de revolução molecular diz respeito sincronicamente a todos os níveis infrapessoais (o que está em jogo no sonho, na criação, etc.); pessoais (por exemplo, as relações de autodomação, aquilo que nospsicoanalistas chamam de Superego); e interpessoais (a invenção de novas formas de sociabilidade na vida doméstica, amorosa, profissional, na relação com a vizinhança, com a escola, etc.). (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 46)

Portanto, as micropolíticas urbanas propostas desde na perspectiva da ação cidadã tentam ir ao encontro também do poder como produtor e da vida no âmbito urbano. Busca também ir ao encontro da maneira como os indivíduos são produtores de um espaço físico e de abrigos afetivos e simbólicos dos quais a cidade carece. A inteligência e a inovação dos cérebros em rede, participantes deste tipo de iniciativa, questionam também as relações saber/poder, porque subvertem o discurso de criação do espaço urbano. Peter Pál Pelbart aponta que:

Todos e qualquer um inventam, na densidade social da cidade, na conversa, nos costumes, no lazer – novos desejos e novas crenças, novas associações e novas

formas de cooperação. A invenção não é prerrogativa dos grandes gênios, nem monopólio da indústria ou da ciência, ela é a potência do homem comum. Cada variação, por minúscula que seja, ao propagar-se e ser imitada torna-se quantidade social, e assim pode ensejar outras invenções e novas imitações, novas associações e novas formas de cooperação. Nessa economia afetiva, a subjetividade não é efeito ou superestrutura etérea, mas força viva, quantidade social, potência psíquica e política. (PELBART, 2002, p. 38).

No caso do movimento global cidadão “100em1Dia”, cada pessoa oferece como recurso sua própria vida, com suas aptidões e habilidades, para investir numa cidade melhor, estabelecendo para o cumprimento desse sonho camadas inseparáveis do corpo (experiência-memória-desejo) para com o espaço.

Trata-se de tecidos que constroem um processo dérmico, na medida em que as dinâmicas do espaço (adquiridas pelo corpo experiente) produzem uma disposição de recursos da própria vida, permitindo que a produção de recursos da vida (corpo desejante) propicie novas dinâmicas a partir da prática da cidade.

Processos de comunicação no 100em1Dia

A organização do festival da cidadania em Cuiabá foi um processo de mais de seis meses de duração. A iniciativa incluiu a produção de um site⁶ no qual, além das informações sobre o projeto, as pessoas interessadas podiam informar e cadastrar sua proposta de intervenção/interação para o conjunto de ações do evento. Mas, apesar da construção do site, as dinâmicas comunicacionais do “100em1Dia Cuiabá” evidenciaram dois outros aspectos próprios da vinculação e da mobilização social: a formação de um grupo no Facebook e os encontros presenciais que colocaram em contato os “corpos desejantes” em Cuiabá.

A criação do grupo “CidadePossível00em1diaCuiabá” no Facebook permitiu começar a circulação de diversas mensagens com o intuito de pensar em três questionamentos: *O que significa Cuiabá para você, O que você acha que a cidade precisa e O que você daria de presente à cidade?* A situação criada permitiu considerar a comunicação como uma ferramenta do processo de mudança na cultura cidadã, que adquire sentido e sugere a potência da vida proposta por Peter Pál Pelbart.

As mensagens pretendiam fazer as pessoas a refletir sobre o conhecimento e a significação da cidade e assim estimular a responsabilidade do cidadão em seu caráter

⁶Ver <http://100em1diacuiaba.org/>

político. Por isso, pensar numa cidade não se resume somente a reconhecer quais são as macropolíticas, mas também as micropolíticas e como o indivíduo pode intervir e criar a cidade que ele deseja, dando valor ao seu percurso afetivo na construção desse lugar. Uma das respostas foi:

Quero fazer de Cuiabá uma cidade melhor porque sou cuiabana, filha de cuiabanos, neta de cuiabanos e mãe de duas cuiabaninhas. Vi a cidade crescer, mas não quero ver a cidade destruída, cheia de entulhos de restos de corrupção, sem o verde da rua das mangueiras, sem a água do chafariz da Boa Morte, e sem o colorido nas ruas de quem anda sem medo. Quero poder lembrar da alegria de descer de carrinho de rolemã a rua Cândido Mariano, de tomar sorvete na Patotinha, de dançar na Boite do Tênis Clube. Sem aquele saudosismo melancólico, mas com a felicidade de viver em uma cidade melhor. (CIDADE POSSÍVEL 100EM1DIACUIABÁ, 2015).

As redes sociais permitem perceber, nas dinâmicas comunicacionais, a ideia de contaminação de informações e o fluxo das subjetividades, pois, além de ser um processo mediado, a criação coletiva está presente na medida em que o indivíduo ingressa no grupo através de sua conta no Facebook e depois passa a participar por iniciativa própria.

Uma vez no grupo, as publicações de mensagens pelos indivíduos são compartilhadas com todos ligados à rede. Para este processo, os membros devem seguir um procedimento genérico: colocar o *link* no espaço, aguardar o sistema carregar a informação, escrever um resumo para descrever a proposta e ficar atentos à realimentação dos participantes do grupo.

Além dos processos mediados pela internet, os encontros presenciais também se mostraram facilitadores dos fluxos de informação entre organizadores e participantes do “100em1DiaCuiabá”. Denominaram-se de “Encontros” as situações provocadas para compartilhar as ideias do evento com os participantes que se apresentaram como voluntários. Através do Facebook e das reuniões presenciais, as quais pessoas foram se propondo e se comprometendo a pensar em intervenções a serem realizadas na cidade e buscando vincular em rede outros indivíduos a participar.

O núcleo organizador realizou seis encontros em lugares diversos, como a Casa Cuiabana (um casarão antigo no Centro hoje sob responsabilidade da Prefeitura Municipal), o Sesc Arsenal (centro cultural no bairro do Porto) e ambientes privados como a residência da cantora de música popular Vera Capilé. Os encontros permitiram perceber a contaminação de informações pelas pessoas por meio das narrativas e dos relatos que afetaram os

participantes do grupo. Distintas leituras da cidade, em sua mais singular banalidade, porém no mais amplo espectro de significação afetiva, foram expostas nas rodas de conversa do grupo.

As informações foram organizadas, disponibilizadas e difundidas no Facebook e compartilhadas nos encontros pessoais. O conjunto de informações deu lugar a uma memória coletiva, evidenciando a potência de ação dos indivíduos que apresentaram várias temáticas sobre as quais se desenvolveram as 101 ações do festival cidadão, no 3 de abril de 2016.

FIGURA 2: PRINCIPAIS TEMAS DE DISCUSSÃO NO PROJETO

Grupo de Facebook <i>Cidade Possível-100em1diaCuiabá</i>	Encontros
Arborização da cidade	Águas: Rio Cuiabá e córregos
Agricultura urbana	Arborização da cidade
O indígena na vida urbana	Trocas afetivas
Mobilidade urbana	Cuidado do lugar e do outro (pessoas, animais etc.)
Trocas afetivas no espaço urbano	Agricultura urbana
Reaproveitamento de lixo	Arte na cidade
	Inclusão
	Uso dos espaços públicos

Fonte: Maria Thereza Azevedo & Heidy Bello Medina (2016)

A organização das informações no Facebook e nos encontros presenciais evidencia temáticas similares. Durante os encontros foi possível estabelecer, por exemplo, a importância das águas, presente nas narrativas das pessoas envolvidas. A partir das narrativas, as associavam o rio Cuiabá e os córregos da cidade à vida própria, colocando-se num lugar que eles próprios consideram um lugar privilegiado na construção da história da cidade.

Desta forma, buscou-se permitir a construção de uma narrativa de si que, a partir da a proposta de Michel Foucault, da estética da existência, colocada por Scholze (2007), torna-se um ato político. Assim, fizeram parte das memórias dessas pessoas as águas na cidade de Cuiabá, como os córregos da Prainha e do Barbado e o rio Coxipó, conjunto de águas que cortam o espaço urbano.

Essa relação das pessoas com as águas da cidade, a admiração pelos rios, córregos, nascentes e demais fontes hídricas foram fundamentais no desenvolvimento do projeto “100em1DiaCuiabá” porque permitiram refletir sobre o ser humano em relação aos seres não humanos e a forma em que a vida é concebida, disposta, organizada e reinventada nos espaços da cidade.

Pensar na existência de outros seres como os jacarés dos córregos permite pensar na relação homem-cidade, ou seja, na forma como as ações humanas se atualizam na relação com o meio ambiente. No entanto, o processo desenvolvido na organização do “100em1DiaCuiabá” também permite procurar soluções para as problemáticas do equilíbrio ecológico, que a partir de um movimento possa subverter as mesmas ações humanas que comprometem a paisagem natural da cidade.

Para ilustrar, convém anotar a importância que a Bacia do Rio Cuiabá radica na formação do Pantanal Mato-Grossense, bioma fundamental para o Brasil e para o mundo, mas no contexto regional: “é muito importante pela sobrevivência de cerca de 75% da população do estado de Mato Grosso”. (TURISMO RURAL MATO GROSSO, 2011).

Assim, por exemplo, no caso dos relatos construídos comunitariamente sobre as águas, o relato de uma pessoa sobre sua experiência de infância na bacia do Rio Cuiabá, onde aprendeu a nadar, permitiu potencializar sua ação no tradicional bairro de São Gonçalo Beira-Rio para organizar uma jornada de limpeza no Rio Coxipó, o qual deságua no Rio Cuiabá⁷.

O rio Coxipó e o rio Cuiabá constituem elementos estruturantes do imaginário das águas sobre a cidade de Cuiabá e fornecem amplo repertório simbólico na construção da memória dos povos ribeirinhos e da cidade como totalidade.

Das águas dos rios provém uma variedade de peixes de água doce, como os pacus, piraputangas, piavas, bagres, pintados, cacharas, lambaris. Os peixes constituem matéria-prima da ampla e farta culinária popular da Baixada Cuiabana, o que enfatiza a importância das águas dos rios na subsistência das populações ribeirinhas e na existência simbólica da cidade em busca de suas singularidades.

FIGURA 3. LIXO NAS MARGENS DO RIO CUIABÁ NA REGIÃO DE SÃO GONÇALO

⁷ Trecho tomado de: Globo.com. Série mostra rios que banham as três cidades mais populosas de MT. 03 de novembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/11/serie-mostra-rios-que-banham-cidades-mais-populosas-de-mt.html>



Foto: Luzia Abich (2016).

O encontro dos relatos e das experiências permitiu reviver acontecimentos nos sujeitos envolvidos nas ações do “100em1DiaCuiabá”. As lembranças das pessoas fizeram com que o afeto pelo lugar voltasse à memória coletiva de modo explicitado na fala dos envolvidos e provocasse uma pulsão, tendo a reunião e os contatos interpessoais e midiáticos pelas redes sociais como condição de se produzir as ações. Finalmente, como diz Leite (2010): a memória é um “patrimônio de experiências acumuladas”.

FIGURA 4. AÇÃO “REVIVER SÃO GONÇALO” NAS MARGENS DO RIO CUIABÁ



Foto: Célia Soares (2016)

A intervenção/interação “Reviver São Gonçalo” foi uma das 101 ações realizadas. Reuniu um contingente de pessoas no bairro historicamente habitado por pescadores e hoje local de inúmeras peixarias que constituem o mundo do trabalho. O bairro e suas práticas

econômicas e simbólicas constituem parte da cultura popular de Cuiabá, recebeu a visita de um grupo de pessoas que foram até o local para limpar a beira do rio, tendo em conta a importância da fonte hídrica e o cuidado com os seres não humanos presentes na paisagem da cidade e ligados à qualidade de vida da cidade.

Considerações finais

As intervenções/ações de arte e cidadania são micropolíticas urbanas que se apresentam como uma ferramenta de saber e poder para refletir e agir no espaço urbano. Elas operam a partir da necessidade de gerar outros mundos possíveis ante a produção das subjetividades em relação ao planejamento urbanístico capitalista.

A folkcomunicação pondera a reflexão de assuntos banais dos sujeitos em suas dinâmicas comunicacionais. O intercâmbio de informações, atitudes e histórias possibilita pensar as intervenções/interações urbanas na perspectiva dos estudos em comunicação pensados inicialmente a partir da realidade brasileira por Luiz Beltrão.

Refletir sobre a folkcomunicação em diálogo com autores preocupados pela forma como se produzem modos de resistência aos processos de subjetivação no contexto contemporâneo estabelece vínculos sobre como a vida e sua potência criam uma sinergia entre as disciplinas a partir da análise da criatividade coletiva, a cooperação simbolicamente produtiva e os desejos produzidos.

Referências

BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados*. Cortez Editora, 1980.

CIDADE POSSÍVEL 100EM1DIACUIABÁ. (2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/410511635823766>. Acesso em: 20 de abril, 2016.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: Pulsões políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

GUIZZO, Iazana. *Micropolíticas urbanas: uma aposta na cidade expressiva*. 2008. 159 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Rio de Janeiro. 2008.

GUSHIKEN, Yuji. Folkcomunicação: Interpretación de Luiz Beltrão sobre la modernización brasileña. *Revista Razón y Palabra*, v. 77, p. 2011, 2011.

_____. Usos midiáticos na constituição de circuitos culturais e comunicacionais populares urbanos. *E-Compós (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)*. Brasília, v. 11, n. 1, p. 1-15, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cuiabá. [online]. Disponível em: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso em: 18 dez. 2016.

PELBART, Peter Pál. Poder sobre a vida, potência da vida. In: *Lugar Comum*, 17. p. 33-43. (2002). Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120907Poder%20sobre%20a%20vida%20pot%C3%Aancia%20da%20vida%20-%20Peter%20P%C3%A1l%20Pelbart.pdf. Acesso em: 16 out. 2015.

LEITE, Julieta. A ubiquidade da informação digital no espaço urbano. *Logos*, 15, n. 2, p. 104-116. (2010). Disponível em: http://www.logos.uerj.br/PDFS/29/10JULIETA_LEITE.pdf. Acesso em: 25 jul. 2016.

ROLNIK, Suely. (1998). *A subjetividade antropofágica*. Disponível em: <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Subjemobra.pdf>. Acesso em: 18 de out. 2015.

SCHOLZE, Lia. Narrativas de si e a estética da existência. *Aberto*, v. 21, n. 77, p. 61-72. (2007).

TURISMO RURAL MATO GROSSO. *A Bacia do Rio Cuiabá é importante na formação do Pantanal Mato-grossense e para outras partes do Brasil e do mundo*. 23 de junho de 2011. Disponível em: <http://www.turismoruralmt.com/2011/06/bacia-do-rio-cuiaba-e-importante-na.html>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Artigo recebido em: 08/06/2017

Aceito em: 20/06/2017